

Is 25,6-12: UM HINO À JUSTIÇA DIVINA

Leonardo Agostini Fernandes

Resumo

Este artigo apresenta uma análise de Is 25,6-12 que expõe, de forma poética, o tema da justiça divina através da imagem do banquete, seguido de uma profissão de fé e de dois oráculos. Por detrás desse texto percebe-se uma ação de graças, fundamentada na presença operosa de YHWH na história do seu povo. Esta é a base da esperança que o profeta anuncia para Jerusalém, diante da dor e dos momentos que sofreu nas mãos de Moab. YHWH destrona os poderosos e exalta os humildes. É um claro recado para as lideranças do povo, porque a justiça divina não decepciona os que confiam em YHWH.

Palavras-chave: *Banquete. Justiça divina. Profeta Isaías. Salvação.*

Abstract

This paper presents an analysis of Is 25:6-12, which poetically exposes the theme of divine justice through the image of the banquet, followed by a profession of faith and of the two oracles. Behind this text we can see a thanksgiving, based on the active presence of YHWH in the history of its people. This is the basis of hope that the prophet announces to Jerusalem, considering the pain and the moments that he suffered at the hands of Moab. YHWH brings down the powerful and exalts the humble. It is a clear message to the leaders of people, because divine justice does not disappoint those who trust in YHWH.

Keywords: *Banquet. Divine justice. Prophet Isaiah. Salvation.*

Introdução

O livro canônico do profeta Isaías apresenta uma profunda reflexão sobre as crises e as promessas que determinaram o destino de Jerusalém, devido às más escolhas de seus líderes e que culminaram com a invasão, a destruição da Cidade Santa e o conseqüente exílio em Babilônia. Diante das incapacidades humanas

e, em resposta a elas, anuncia-se a soberania divina. Os justos, que sofrem pela sua fé, não ficarão decepcionados, porque YHWH desponta como o grande rival contra tudo o que aflige o ser humano, contra todo o poder injusto e opressor, e, em particular, contra a morte. Digno de nota, nesse sentido, é o nome do profeta: “YHWH salva” ou “YHWH é salvação”.

1. Delimitação, estrutura e gênero literário

Em relação ao texto precedente (cf. Is 25,1-5), considerado como um hino ou salmo de ação de graças (POWER, 1956, p. 449; WILDBERGER, 1989, p. 947), Is 25,6 introduz uma temática nova: a narrativa do banquete, servido para todos os povos em um monte específico (v. 6). Este banquete celebra o triunfo sobre o luto e a morte (v. 7-8). Uma profissão de fé é formulada na primeira pessoa do plural. Este “nós” representa um grupo que, apesar do sofrimento, continuou colocando a sua confiança em YHWH, que convida à alegria e ao júbilo pela salvação recebida (v. 9). A imagem da mão colocada suavemente sobre o monte e os pés sobre Moab, representante das nações hostis a YHWH e ao seu povo, exemplifica a intensidade da ação salvífica de YHWH, que derruba tudo o que era considerado motivo de força e proteção (v. 10-12).

Esse conteúdo parece interromper a lógica existente entre Is 25,1-5 e Is 26,1-6, pois há, nesses dois textos, uma continuidade de pensamento através de três temáticas¹: a *justiça de Deus* presente na *esperança dos justos no reino da justiça* que termina com o diálogo entre o povo e YHWH sobre a *restauração de Israel*.

Quanto à delimitação final, sem maiores problemas, percebe-se que em Is 26,1 tem início uma nova unidade marcada tanto pela fórmula *naquele dia* quanto pela temática, cujo conteúdo é um hino de ação de graças a ser cantado na terra de Judá pelos humildes e pobres. Em contraposição às fortificações de Moab que foram destruídas, Sião é a cidade fortificada por YHWH que acolhe os outros povos (SEVERINO CROATTO, 1989, p. 156; VLKOVÁ, 2004, p. 230).

Is 25,6-12 possui construções fraseológicas inéditas. Do ponto de vista do conjunto, pode-se admitir que existe: *Uma estrutura em duas partes*:

Os v. 6-8, *tema do banquete*, manifestam a liberalidade de YHWH que prepara um banquete no qual Ele se revela aos povos, que estavam como que cegos, eliminando a morte e a dor, simbolizadas no gesto de enxugar o pranto das faces e na remoção do opróbrio do seu povo.

Os v. 9-12 revelam uma *profissão de fé em YHWH que salva* e estariam interligados pela alusão à cidade inimiga dominada, pois está debaixo da mão de YHWH e calcada sob os seus pés.

1. Contrário a esse parecer, Watts (1985, p. 327) divide o livro de Isaías em cinco atos e propõe Is 24,23–25,8 e 25,9-12 como sendo a quarta e quinta cena do quarto ato.

Então, dois gêneros literários distintos são percebidos: dois *oráculos*: um de bênção (v. 6-8) e um de maldição (v. 10-12)²; e entre eles uma *profissão de fé* (v. 9).

Há outras propostas, igualmente válidas e pertinentes: Is 25,6-8 seria um *anúncio*; Is 25,9-10a seria *um cântico de ação de graças* e Is 25,10b-12 seriam *oráculos* que foram acrescentados aos textos (SELLIN-FOHRER, 1977, p. 553); Is 25,6-8 seria um *oráculo profético* e Is 25,9-12 seria *um canto de ação de graças*, que exalta a realeza de YHWH por parte de Israel (BALARINI, 1977, p. 153-154); YHWH, em Is 25,1-5, é invocado na segunda pessoa, como num hino; e em Is 25,6-12, é YHWH mencionado na terceira pessoa. O conjunto apresenta-se em uma estrutura binária na qual se encontram dois oráculos: 25,6-10a e 25,10b-12 (SIMIAN-YOFRE, 1996, p. 56).

2. Tradução e breve comentário

2.1. Juízo de salvação (v. 6-8)

⁶Preparará YHWH dos exércitos para todos os povos, neste monte,
um banquete de manjares gordos,
um banquete de vinhos encorpados,
manjares gordos e succulentos,
vinhos encorpados refinados.

⁷E devorará, neste monte,
as faces da coberta que cobria sobre todos os povos,
e a tela tecida sobre todas as nações.

⁸Devorará a morte para sempre,
e enxugará Adonay YHWH
a lágrima de todas as faces
e removerá do seu povo opróbrio
do meio de toda a terra,
porque YHWH falou.

A abundância desse anúncio para todos os povos contrapõe-se à desventurada situação da cidade desolada, pois nela há falta de vinho e o júbilo desapareceu. Essa desventura é motivo para glorificar a YHWH (cf. Is 24,7-16). Há transtorno na terra, em uma relação de causa e efeito (cf. Is 24,17-23). Diante disso, afirma-se que YHWH fixa o seu poder no monte Sião e em Jerusalém, a ponto de causar vergonha e constrangimento à “lua” e ao “sol”, fazendo resplandecer a sua glória sobre os anciãos (cf. Is 24,23). Esta ação pode ser considerada como “causa” da realização do reinado de YHWH e da sua ação salvífica em relação ao povo eleito. Já Is 25,6-8 anuncia o “efeito” que a soberania de YHWH produzirá após a vitória sobre os inimigos.

2. L. Alonso Schökel e J. Sicre Diaz (1988, p. 215) veem nos v. 10-12 um hino que canta a vitória do Senhor sobre a cidade inimiga.

A referência à glória e aos anciãos em Is 24,23 e ao banquete a ser realizado sobre o monte em Is 25,6 são elementos que recordam a tradição da estipulação da aliança em Ex 24,1-11. À diferença, porém, do banquete celebrado no monte Sinai, YHWH dele não toma parte, mas é quem o prepara para ser celebrado em Sião. É um banquete pacífico e de confraternização, no qual a soberania de YHWH é reconhecida como providência universal.

O tema do banquete, que cela a aliança de YHWH libertador com o povo libertado no monte Sinai, ajuda a determinar o sentido do banquete anunciado em Is 25,6. Aqui, o banquete não celebra somente a salvação como libertação da potência opressora, mas manifesta a salvação como comunhão com YHWH. É um dia que deve ser celebrado com exultação (cf. Sl 118,24). A magnificência de YHWH, visivelmente determinada pelos feitos salvíficos inicialmente celebrados no Sinai, agora é finalizada em Sião, local que YHWH escolheu para a sua habitação³.

A ação benéfica de YHWH *dos exércitos* é descrita de forma antropomórfica⁴. O banquete anunciado é sem igual, difícil de ser descrito quanto à grandeza, abundância e qualidade das iguarias servidas. A duplicação das imagens intensifica a natureza do banquete, no qual a comida e a bebida são descritas com termos relevantes: *manjares gordos, vinhos encorpados, manjares gordos suculentos, vinhos encorpados refinados*.

O tema do banquete lembra a comunhão entre o ser humano e a divindade em situação de festa⁵. A convivência com YHWH é estendida para além dos anciãos e dos sacerdotes. O convite ao banquete, apesar de ser universal, está reservado somente para os que YHWH convoca. Esta reunião festiva denota que YHWH reina sobre todos os povos, que celebram, no monte santo, o seu grande feito. Haverá comida e bebida em fartura, não somente para o povo eleito, mas para todos os povos. Isto faz de Jerusalém a cidade anfitriã, centro para o qual se dirigem as nações (KAISER, 1974, p. 199-200)⁶.

3. A imponência de um monte, no Antigo Oriente Próximo, indicava o lugar da habitação de uma divindade. Subir um monte, então, significa ir ao encontro dessa divindade. O monte era a ligação da terra ao céu. Isso era tão relevante que, na ausência de um monte, construía-se um, como os zigurates edificadas pelos babilônicos, os stupas da Índia, ou as pirâmides do Egito (BECKER, 1999, p. 192-194). O monte Sião aparece como local-sede do reinado de YHWH. É o monte santo (cf. Sl 2,6; 48,2; Jl 4,16-17; Sf 3,14-17), altura sem igual e alegria de toda a terra (cf. Sl 48,3), protegido com zelo por YHWH (cf. Ez 43,7) dos outros montes sobre os quais foram erguidos santuários aos deuses (cf. Sl 68,17).

4. Este título evidencia o domínio universal de YHWH (cf. Is 24,23), pois, depois de Is 25,1-5, o conceito de realeza divina é retomado e desenvolvido segundo a centralidade do que deve ocorrer *neste monte*, menção concreta do monte Sião (BALLARINI, 1977, p. 155).

5. A parábola que Jesus contou sobre o banquete nupcial (cf. Mt 22,1-14) pode ser uma alusão a Is 25,6-12.

6. Era comum a peregrinação dos povos a Sião para levar ofertas a YHWH (cf. Sl 96,7-8; 68,29-31; 72,10; Is 45,14; 60,3-5; 66,12), ou por causa dos serviços que geravam para os seus habitantes (cf. Is 45,23; 61,5-6 e 66,12.19-20).

Por ocasião da entronização de YHWH como rei (cf. Is 24,23), a melhor parte da carne sacrificada será partilhada e dada tanto para o povo eleito como para os peregrinos estrangeiros vindos para a festa⁷. A participação no banquete denota comunhão, pois as nações estrangeiras são conduzidas a uma amizade com YHWH⁸.

Antes de chegar à morte (v. 8), que já fez suas vítimas, a ação de YHWH chega aos que estão vivos, mas sofrendo as consequências da ação devastadora causada pela morte. Então, os efeitos da morte serão os primeiros a serem devorados, porque os povos e as nações estão definhando. De forma insaciável a morte faz suas vítimas, causando a ignomínia e o sofrimento sem medidas. Assim como a morte devora os seres, improvisadamente ela será, igualmente, devorada por YHWH, isto é, a morte será eliminada. YHWH se demonstra mais forte do que a morte e seus nefastos efeitos. Por metáfora, a injustiça será engolida pela justiça e a maldade pela bondade de YHWH.

A destruição do que cobre as faces significaria o fim de uma proteção efêmera (falsos deuses) e o fim da angústia, da tristeza e da morte trazidas pela guerra e pela opressão inimiga (luta pela hegemonia). É o fim do que impedia de se celebrar a vida com alegria e júbilo.

A imagem não deveria ser entendida, somente, de forma metafórica a respeito da cegueira espiritual dos povos. As faces cobertas, concretamente, são um símbolo de dor e de aflição. Na Antiguidade, quem era acometido por uma desgraça, principalmente a morte violenta de um ente amado, cobria a face com um véu, simbolizando o seu luto. A ação divina, que destrói o símbolo de luto, aponta para a superação da dor e do sofrimento causados pela morte. Não se deve usar mais sobre a face um sinal de maldição. Somado a isso, pode-se dizer que diante dos povos ocorre uma revelação de conhecimento, pois se retira o véu terreno que impedia de ver as realidades divinas, por meio de uma manifestação portentosa: *devorará a morte para sempre* (v. 8).

É curioso, porém, que YHWH não exige algum conhecimento prévio sobre si, como condição preliminar, para a participação no banquete, pois a remoção dessa cobertura ocorre durante o banquete. A comunhão com YHWH, pelo banquete, requer a eliminação da dor, do sofrimento e do luto. É a participação na alegria do próprio YHWH. Anuncia-se, então, a mudança que ocorrerá na condição humana, pois não se pode estar triste na presença do verdadeiro Deus (BALLARINI, 1977, p. 156).

O regozijo dos que partilham a amizade com YHWH e a paz propiciada pelo seu reinado se sobrepõem à tristeza de um mundo sem paz, não cumpridor das leis divinas, que acarreta a morte não poupando a ninguém. O anúncio do fim do opróbrio do povo eleito acarreta em uma declaração explícita sobre o fim

7. Cf. 1Sm 11,15; 1Rs 1,25.9-11; 2Sm 6,18; 1Rs 8,62-64; Ne 8,10; Sl 23,6; 36,9; Jr 31,14; Zc 14,16-18.

8. O tema da comunhão pelo banquete está presente no NT: Mt 8,11; 22,1-14; Lc 14,15; 22,18 e Ap 19,9.

da vergonha, em virtude de ele ter sido dominado pelos ímpios que destruíram Jerusalém (587 a.C.), de terem vivido como estrangeiros entre as nações, sofrendo necessidades⁹ e lamentando, principalmente, a distância da casa de YHWH (FERNANDES, 2013, p. 115-121).

Após a conquista do poder mundial e da glorificação de YHWH, o seu povo não mais sofrerá a contradição que o tem caracterizado ao longo de toda história. YHWH que criou o paraíso e a terra, que guia as estrelas e os destinos dos povos, elegeu dentre eles o seu povo, que deixará de ser uma nação entre outras, sujeita às injustiças, revelando a sua presença (KAISER, 1974, p. 201-202).

2.2. Profissão de fé (v. 9)

*⁹Naquele dia se dirá:
eis que este é nosso Deus!
Esperávamos nele
e nos salvará,
este é YHWH, esperávamos nele.
Alegremo-nos e regozijemo-nos na sua salvação.*

Os feitos descritos nos v. 6-8 tornam-se o conteúdo e o motivo dessa proclamação solene. É, por assim dizer, uma resposta humana aos feitos divinos. O tema da confiança em YHWH reaparece em Is 26,8. A afirmação de que YHWH é nosso Deus está presente, também, em Is 26,13. Is 33,2 retoma o tema da esperança, ao lado do pedido de piedade, da súplica que, a cada manhã, o seu braço esteja estendido e a salvação aconteça no tempo da tribulação.

Se, por um lado, o tempo da espera pelo auxílio divino chegou ao fim, por outro lado, os planos salvíficos de YHWH, imperceptíveis quando se está imerso na dor e no sofrimento humano, estão se concretizando. Isto faz com que o povo humilhado, pelas duras vicissitudes impostas pelos povos mais fortes, manifeste a sua fé. É no reconhecimento dos próprios limites humanos que a esperança salvífica se funda na certeza da ilimitada ação divina.

A libertação tem a ver com o fim da vergonha do povo eleito, por ocasião da invasão, da destruição de Jerusalém e da nova deportação para a Babilônia. Todas as vicissitudes negativas, pela fé, se tornam ocasião para conspirar a favor da presença e intervenção de YHWH. A libertação inspira a profissão de fé, o seu tema principal é a confiança depositada em YHWH, que não decepciona.

Este versículo se contrapõe à malícia dos ímpios que caçoavam e riam dos que continuavam acreditando em YHWH, apesar de terem sido deportados para a Babilônia, terem perdido sua pátria e visto seu templo ser destruído (FERNAN-

9. Cf. Jr 24,9; 29,18; 51,51; Ez 5,15; 22,4; 36,30; Ne 1,3; 3,36; 2,17; Jl 2,17; Dn 9,16. As necessidades acabarão como prometido: Is 52,13-15; Jl 2,19; Zc 3,18.

DES, 2013, p. 108-115). A angústia dos piedosos, dos que depositaram a sua confiança em YHWH, está devidamente testemunhada em vários textos em que ocorre a frase: *onde está o teu/vosso Deus* (cf. Sl 42,4.11; Jl 2,17; Sl 79,10).

2.3. Juízo de condenação (v. 10-12)

¹⁰*Porque, neste monte, pousará a mão de YHWH,
mas será calcado Moab debaixo de seus pés,
como se calca um monte de palha no meio de Madmenah.*
¹¹*E estenderá as suas mãos no seu meio,
como estende o nadador para nadar,
mas rebaixará seu orgulho,
com a habilidade de suas mãos.*
¹²*E a fortificação alta dos teus muros fará ruir,
fará inclinar,
fará tocar por terra como pó.*

A expressão *mão de YHWH* ocorre em diferentes contextos, mas todos unificados pela certeza de que ela é potente para condenar ou salvar, pois tudo está debaixo de seu poder (cf. Jó 12,9). Contra o Egito, na quinta praga, a mão de YHWH foi estendida contra os animais e uma pesada peste aconteceu (cf. Ex 9,3). No deserto, a mão de YHWH pesou sobre o acampamento e todos os homens de guerra morreram (cf. Dt 2,15). A mão de YHWH, comumente, se levanta contra os inimigos (cf. Js 4,24; 1Sm 5,6.9; 7,13), mas também contra o povo eleito (cf. Jz 2,15).

A desgraça é vista como ação desfavorável de YHWH (cf. Rt 1,13). Em Isaías, praticamente, a mão de YHWH está contra os inimigos (cf. Is 19,6; 25,10; 41,20; 66,14), porque ela não é curta para salvar (cf. Is 59,1). Em Ezequiel, a mão de YHWH é uma fórmula para indicar que o profeta se encontra debaixo da sua ação (cf. Ez 1,3; 3,22; 37,1; 40,1). Além de Is 25,10, há outra menção da mão de YHWH contra Moab (cf. 2Rs 3,15).

O tema do orgulho humano rebaixado é típico de Isaías, que dirigiu um oráculo contra as atitudes injustas de Judá-Jerusalém (cf. Is 2,11). Isto talvez justifique que a punição de Moab aconteça sobre o mesmo monte onde YHWH manifesta a sua bênção para Sião. A ação contra Moab está descrita em termos cruéis e não se apresenta uma razão plausível para tal tratamento. Moab é assumido como protótipo do adversário perigoso do povo eleito e representante dos demais inimigos de Israel¹⁰.

10. Vários textos apresentam a temática do aniquilamento do inimigo como uma ação concedida por YHWH. Gedeão aniquila Zebá e Sálmana (cf. Jz 8,7); Joacaz é quase eliminado pelo rei de Aram (cf. 2Rs 13,7); Damasco será destruído por ter esmagado Galaad (cf. Am 1,3); Israel será reerguido e triunfará sobre os inimigos (cf. Is 41,8-20); Sião será vitoriosa sobre os povos inimigos (cf. Mq 4,11-13).

O autor se serviu das circunstâncias de sua época para explorar o rancor de seus compatriotas contra o inimigo, a fim de tornar mais expressiva a sua idéia: *a arrogância posta por terra*. Moab não obteve salvação apesar dos seus esforços, comparados com os do nadador, que busca salvar-se, muitas das vezes e em grande desespero, da força das águas. Suas mãos estendidas, vistas também como um gesto de súplica, de nada adiantou.

O orgulho abatido e a dispersão dos sobreviventes de Moab haviam sido anunciados em Is 15–16 (Jeremias também fala da queda de Moab, Jr 9,25; 25,21)¹¹, mas, nesse versículo, introduz-se uma ação dramática para servir de apêndice ao oráculo contra Edom (cf. Is 34), mostrando que a crueldade de Moab excedeu a de seu irmão Edom (KAISER, 1974, p. 204).

É interessante o trocadilho entre a *mão do Senhor* do v. 10 e *suas mãos* neste versículo, indicando que Moab tenta se livrar da mão de YHWH (seu juízo), como um nadador habilidoso. As mãos de Moab, porém, não são páreo para os pés de YHWH: *mas será calcado Moab debaixo de seus pés*.

A vitória de YHWH sobre Moab não acontece por meio de uma batalha, mas anuncia-se a destruição do que era considerado poderoso e temível por aquele que é detentor de todo poder (ALONSO SCHÖKEL & SICRE DIAZ, 1988, p. 215).

O sujeito dessas três ações é YHWH. A dinâmica é clara: em Moab, o que era alto e tido por forte foi derrubado (cf. Lc 1,52), foi colocado ao nível do solo e demonstrou-se fraco diante de YHWH. Como Jericó, que sucumbiu ante o exército de YHWH comandado por Josué, vindo à ruína (cf. Js 6), Moab foi abatido (cf. Nm 21,29; Is 11,14; Am 2,1-3). Uma vez que a fortaleza foi derrubada, todos podem passar e pilhar a cidade. Nada, nesta cidade, ofereceu segurança.

A locução, *tocar por terra como pó*, evoca a total destruição. Na Antiguidade, os ataques inimigos a uma cidade tinham por finalidade impor uma destruição que impedisse o soerguimento dela por parte dos remanescentes. Era um sinal visível de que o mais forte venceu. A soberania de YHWH triunfou. É um julgamento pronunciado contra a arrogância de Moab.

Este versículo é muito semelhante a Is 26,5-6, mas de forma positiva, pois exalta a terra de Judá por ter uma cidade forte graças à presença de YHWH que é rocha eterna. Is 26,5-6 concretiza a profecia de forma apropriada com o contexto da cidade fortificada (KAISER, 1974, p. 204). Não obstante isso, de forma muito parecida, Lm 2,2 relata que a fortaleza da filha de Judá foi devastada até a terra.

11. Is 25,10b estaria deslocado e pertenceria ao período pós-exílico, pois Moab, há muito tempo, não era mais uma ameaça real para Judá. Is 25,10b liga-se bem a Is 15–16, que trata da ruína de Moab, e endossa a hipótese de que o *Apocalipse de Isaías* é uma reinterpretação em chave apocalíptica de um oráculo originariamente concernente a Moab (GRECH, s/d, p. 13-15).

3. Considerações finais

Is 25,6-12 é um texto que contém anseios profundamente humanos, concretos, pertinentes e ligados à realidade do cotidiano: boa comida, boa bebida, lágrimas enxugadas, alívio do sofrimento, da dor, do peso incompreensível do dia a dia, triunfo sobre a servidão e destruição da morte. Tais anseios, mais do que utopia, revelam a esperança profética depositada em YHWH.

Se YHWH, no fim dos tempos, realizará uma transformação radical da realidade, não se pode negar que a história, feita por cada ser humano, se tornou vítima da sua própria limitação. O que é efêmero, passageiro e transitório, na história, deverá ceder o seu lugar ao que, concretamente, é permanente e definitivo. Enquanto isso não acontece, o amor age continuamente no dia a dia da existência humana, conduzindo-a para essa transformação.

A história do povo eleito, e da humanidade em geral, desenvolve-se a partir de um plano divino que ultrapassa as capacidades, as forças e o dinamismo intra-histórico, porque não é fruto somente dos projetos humanos, mas porque essa história é o palco sobre o qual YHWH se revela e expressa o seu desígnio eterno de salvação. Assim, o humano e o divino agem conjuntamente na história, que não é feita, somente, pelo ser finito do primeiro, mas é, intensamente, penetrada pelo ser infinito do segundo. A história, então, é, ao mesmo tempo, humana e divina. Por isso se tornou o palco sobre o qual o Logos Divino manifestou-se visivelmente (cf. Jo 1,1-18).

A história é o palco no qual desfilam os limites da realidade política, econômica, cultural, religiosa e social. Almeja-se o melhor e o sucesso nesses campos, mas convive-se e luta-se com a imperfeição dos ideais. Um grande abismo abre-se entre os povos: dominadores e dominados, ricos e pobres, soberbos e simples, gerando problemas de envergadura internacionais. Por isso, os menos favorecidos esperam que o amanhã seja melhor que o hoje, portador de menos sofrimento, dor e situações de morte. Espera-se que algo ou alguém faça surgir uma sociedade mais justa e fraterna.

Neste contexto, a dinâmica da fé possibilita ao fiel a certeza de que este mundo não é somente uma triste realidade de trevas e o presente não é vazio de significado para o futuro. As vicissitudes experimentadas, no dia a dia, não são realidades sem nexos e sem sentido para quem tem fé, dela vive e alimenta a sua esperança. O fiel sabe, ao perceber e entender o nexo causal presente na trama da história, que o futuro definitivo da sua vida e da história pertence a Deus, mas que cada um é responsável, também, pelo próprio destino.

A aspiração por um futuro de bem-estar, ainda não alcançado, deve-se a um problema: a exaltação do material separado ou diferente do espiritual. Esta dicotomia emerge na falta das relações dos que não promovem a vida, mas apelam só para os interesses dos que exaltam a própria soberba e humilham os menos

favorecidos. Um mundo mais justo e fraterno é possível se é mais humano; se realiza o desenvolvimento de cada indivíduo inserido na dinâmica de uma comunidade, na qual a vivência do amor luta contra a iniquidade e as injustiças. Nisto acontece o empenho pela paz, meta dos que estão comprometidos com o anúncio e a realização do Reino de Deus.

Leonardo Agostini Fernandes
Docente de Sagrada Escritura do Departamento
de Teologia da PUC-Rio e do ISTARJ.
kyriou33@yahoo.it

Referências

- ALONSO SCHÖKEL, L. & SICRE DIAZ, J.L. *Profetas I, Isaías e Jeremias*. São Paulo: Paulinas, 1988.
- BALLARINI, P.T. *Introdução à Bíblia*, II/3. Petrópolis: Vozes, 1977.
- BECKER, U. “Montanha”. In: *Dicionário de Símbolos*. São Paulo: Paulus, 1999.
- CHILDS, S.B. *Isaiah*. Louisville: Westminster John Knox Press, 2001.
- FERNANDES, L.A. & GRENZER, M. *Dança, ó terra – Interpretando Salmos*. São Paulo: Paulinas, 2013.
- GRECH, P. *Ermeneutica e teologia bíblica*. Roma, s/d.
- KAISER, O. *Isaiah 13-39: A Commentary*. Filadélfia: Westminster Press, 1974.
- POWER, E. “Isaías”. In: *Verbum Dei, comentario a la Sagrada Escritura*. Tomo Segundo, Antigo Testamento: Esdras a Macabeus. Barcelona: Editorial Herder, 1956.
- SELLIN, E. & FOHRER, G. *Introdução ao Antigo Testamento*. São Paulo: Paulinas, 1977.
- SEVERINO CROATTO, J. *Isaías. Vol I. 1-39: O profeta da justiça e da fidelidade*. São Leopoldo/São Paulo: Sinodal/Methodista/Vozes, 1989.
- SIMIAN-YOFRE, H. *Testi Isaiani dell’Avvento: Esegese e Liturgia*. Bolonha: EDB, 1996.
- SOGGIN, J.A. *Introduzione All’Antico Testamento*. Bréscia: Paideia Editrice, 1974.
- VLKOVÁ, G.I. *Cambiare la Luce in Tenebre e le Tenebre in Luce – Uno Studio tematico dell’alternarsi tra la luce e le tenebre nel libro di Isaia*. Roma: PUG, 2004.
- WATTS, J.D.W. *Isaiah 1–33 (WBC, vol. 24)*. Dallas-Texas: Word Books, 1985.
- WILDBERGER, H. *Jesaja 13–27, 2. ed.* BKAT 10/2. Neukirchen-Vluyn: Neukirchener Verlag, 1989.